

# JAN KARSKI

## E OS JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES DO MUNDO



© Yad Vashem Photo Archive — direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.

*“Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro.”*

Talmud Yerushalmi, Mishná, Sanhedrin 4:5

## O QUE É SER UM HOMEM JUSTO?

Esta pergunta permeia a humanidade desde seus princípios e constitui, no pensamento judaico, um caminho que remonta a valores primordiais. O conceito de “tzadik”, ou “justo”, é um desses pilares da Ética Judaica. O médico, filósofo, rabino e escritor Maimônides (1135-1204) definiu o “tzadik” como “aquele cujo mérito supera a iniquidade”. O iníquo é aquele especialmente contrário à moral e à justiça.

Jan Karski agiu de acordo com valores incompatíveis com a iniquidade. Seu senso de justiça rendeu-lhe o título de “Justo entre as Nações” pelo Museu Yad Vashem em Jerusalém e resultou no estabelecimento, pela República da Polônia, do ano de 2014 como “Ano de Karski”.

Ao pensar sobre os Justos, dois paradoxos vêm à mente. Primeiro: é impossível fazer justiça aos Justos, até porque muitos o foram, mas nunca receberam o título de Justos. E também porque é impossível imaginarmos como um ser humano pode vencer seu instinto de sobrevivência. Quando o natural seria fugir das chamas, como arriscar sua vida e a de seus próximos em nome de valores maiores do que manter a própria vida? O heroísmo não é a regra, é algo que foge a qualquer regra.

O segundo paradoxo é que, ao falar sobre o lado luminoso do ser humano, inevitavelmente deparamos com o outro lado. As narrativas que trazem o autossacrifício, altruísmo, dedicação em cuidar do outro, sempre vêm acompanhadas de narrativas sombrias. O medo, a chantagem, a vileza, a traição, a crueldade, a insensibilidade, sempre entrecruzam os relatos sobre atos mais nobres.

Os Justos representam o repositório do conhecimento sobre o ser humano, tanto do saber amargo sobre o lado iníquo, quanto do saber glorioso, sobre a bondade antinatural de que o homem é capaz ao escolher cuidar dos seus irmãos. O relato sobre os Justos é também o relato sobre os valores, sobre a sua fragilidade e sobre a necessidade de preservar estes princípios em uma sociedade que parece cada vez mais abdicar da sensibilidade.

O Holocausto, que marcou o século XX, foi um crime de massas. As massas foram mortas e as massas perpetraram o crime, executando, delatando e dando as costas com indiferença. Por isso, devemos honrar os indivíduos que escolheram ir contra as massas em nome daqueles valores humanos que faltaram aos indiferentes ou aos que perseguiram as vítimas. Jan Karski foi um dos que escolheram os valores humanos.

*Piotr Kilanowski (UFPR)*

*Carlos Reiss (Museu do Holocausto de Curitiba)*

## JERZY FICOWSKI

\*\*\*

Não consegui salvar  
nem uma vida

não soube deter  
nem uma bala

então percorro os cemitérios  
que não existem  
busco palavras  
que não existem  
corro

para o socorro não pedido  
para o resgate tardio

quero chegar a tempo  
mesmo que tarde demais

*(tradução Piotr Kilanowski)*

## OS JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES

As atitudes em relação às vítimas durante o Holocausto variaram entre a indiferença e a hostilidade. Na categoria dos “observadores”, encontram-se pessoas que acompanhavam como seus antigos vizinhos eram mortos e até os que colaboravam com os perpetradores.

Em um mundo em completo colapso moral, uma pequena minoria reuniu coragem extraordinária para defender os valores humanos. Estes foram os “Justos entre as Nações”. Ao contrário da tendência geral, esses salvadores consideravam as vítimas como seres humanos, e suas ações faziam parte de uma obrigação ética num mundo não-determinista. É o que a doutora e professora da USP Helena Lewin chama de “solidariedade em tempos sombrios”.

O conceito de “Justos entre as Nações” (*hassidei umot haolam*, em hebraico) vem da tradição judaica e remonta ao tempo bíblico. Todos os anos durante a festa de Pessach [a Páscoa judaica], os judeus lembram a filha do Faraó que desafiou suas ordens de jogar todos os meninos hebreus nas águas do Nilo, violou o decreto do pai e salvou Moisés. Ao ver o recém-nascido no cesto, ela o escondeu e o criou como seu próprio filho. Na Bíblia, ela não tem um nome. A saga judaica a nomeia “Batya”. Ela é uma “Justa entre as Nações”.

Dos sobreviventes do Holocausto, muitos devem suas vidas à ajuda destes, *a priori*, observadores.

Desde 1963, o Museu Yad Vashem, em Jerusalém, já levantou 25.271 nomes – entre homens e mulheres, católicos romanos e russos ortodoxos, batistas e luteranos, enfermeiras e babás, colegas e vizinhos, empregados e amigos – que arriscaram suas vidas e as vidas de suas famílias para salvar judeus perseguidos. Destes, 6.454 possuíam nacionalidade polonesa, o maior número entre os Justos, mesmo sendo o único entre os países sob domínio nazista em que qualquer ajuda aos judeus era, pela lei alemã, punível com a morte. Não apenas aquele que ajudava iria ser punido com a morte, como sua família e vizinhos eram sujeitos a mesma penalidade. Essas pessoas ignoraram as leis, opuseram-se à opinião pública e decidiram fazer o que lhes parecia certo. De acordo com a tradição judaica, “quem salva uma vida, salva o mundo inteiro”.

Até hoje, o Museu Yad Vashem reconhece e homenageia novos “Justos”. Eles são condecorados (mesmo post mortem), recebem um certificado de honra e o privilégio de terem o nome adicionado no Jardim dos Justos. Dois brasileiros fazem parte deste hall: Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa e Luiz Martins de Souza Dantas.

*Carlos Reiss (Museu do Holocausto de Curitiba)*

### Entrada do Jardim dos Justos



© Yad Vashem Photo Archive – direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.



**RAOUL WALLENBERG** nasceu no dia 4 de agosto de 1912 em Lidingö, na Suécia. Quando jovem estudou e trabalhou no estrangeiro, entre outros num banco em Haifa, onde conheceu judeus fugitivos da Alemanha de Hitler e ouviu depoimentos sobre as primeiras perseguições.

Em 1936 voltou para a Suécia e começou a trabalhar com um judeu húngaro, Kálmán Lauer, proprietário de uma empresa de importação e exportação. Falando várias línguas e tendo liberdade de viajar sem restrições, Wallenberg tornou-se diretor internacional da empresa e nessa condição conheceu bem a burocracia alemã tanto na França já ocupada pelos nazistas quanto na própria Alemanha.

Visitou também várias vezes a família Lauer em Budapeste. Em vista desses fatos, em 1944, Wallenberg foi nomeado primeiro-secretário da delegação sueca em Budapeste com a missão de salvar judeus húngaros do Holocausto, pois neste mesmo ano a Hungria, até então aliada dos nazistas, foi invadida e dominada pelo exército alemão. Os judeus de Budapeste começaram a procurar ajuda, principalmente nas embaixadas dos países neutros, inclusive na da Suécia, onde graças a Wallenberg foram emitidos milhares de passaportes especiais que concederam aos judeus o status de cidadãos suecos a serem repatriados. A embaixada sueca alugou também várias casas que, gozando de proteção diplomática, serviram como refúgio para muitos judeus. O trabalho desse diplomata sueco e seus colegas salvou milhares de vidas na capital húngara.

Depois da entrada do Exército Vermelho terminaram as perseguições aos judeus, mas Wallenberg foi preso pelas autoridades soviéticas.

Até hoje é considerado um herói sem túmulo: o final de sua história perde-se nas prisões da União Soviética, onde – segundo as informações fornecidas pelo governo soviético à Suécia em 1957 – Wallenberg teria falecido em 1947, porém a sua morte e as circunstâncias em que se deu permanecem misteriosas. O Yad Vashem reconheceu Raoul Wallenberg como Justo entre as Nações no dia 26 de novembro de 1963. Estima-se que salvou a vida de mais ou menos 100 000 pessoas.

*Marcin Raiman (professor leitor de polonês na UFPR)*

**JAN KARSKI** (Jan Koziński) (24.06.1914 - 13.07.2000) foi criado na cidade multicultural de Łódź, numa família católica, em uma vizinhança predominantemente judaica. Formou-se em Direito e Diplomacia em Lwów, recebendo também o diploma pela Escola de Cavalaria Militar.

Antes da guerra trabalhou na diplomacia. Combateu, em 1939, na invasão da Polônia pelos alemães e russos, e foi prisioneiro de guerra soviético. Ocultando a patente, conseguiu se salvar do genocídio de Katyń. Como soldado raso foi entregue aos alemães, então aliados dos soviéticos.

Após fugir, ingressou nos quadros da resistência do Estado Secreto. Trabalhando como emissário, levava mensagens pelos territórios ocupados, até a França e a Inglaterra. Durante uma de suas missões em 1940, foi preso e torturado pela Gestapo, conseguindo fugir com a ajuda da Resistência. Em 1942, sob o codinome de Jan Karski, que passaria a usar como seu nome, foi quem levou a mensagem sobre as atrocidades nazistas contra judeus e poloneses ao governo polonês no exílio, em Londres. Entrou clandestinamente no final de agosto de 1942 no gueto de Varsóvia e no campo de trânsito em Izbica Lubelska, que ele, então, acreditava ser o campo da morte, em Bełżec.

Apresentou o seu relatório sobre o Holocausto ao primeiro ministro britânico e ao presidente estadunidense. Seu apelo por ajuda aos judeus foi recebido, mas ignorado. Suas tentativas de acabar com o Holocausto e, posteriormente, de informar ao mundo sobre a indiferença dos aliados foram reconhecidas com a medalha dos Justos Entre as Nações do Mundo, em 1982. Depois da guerra foi professor na Georgetown University em Washington. Voltou à Polônia somente depois da queda do comunismo no ano 1989.

*Piotr Kilanowski ( professor de literatura polonesa na UFPR)*

Jan Karski no seu gabinete, Varsóvia 1935.

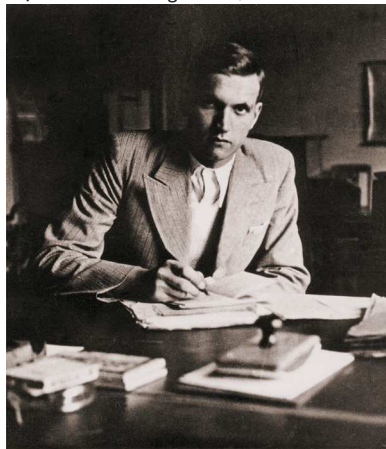


Foto do Museu da História da Polónia gentilmente cedida por Arquivo de Instituto de Hoover em Califórnia.

## O GRANDE NARRADOR – Marek Bieńczyk

Quando o vemos ou o escutamos, nas veias fluem apenas os glóbulos brancos do silêncio. É apenas possível tornar-se estátua de sal, uma árvore perdida no escutar. Vira-se uma criança, para qual surge a Narrativa.

Certamente envelheceu. Agora tem noventa anos e quando de novo narra história, suas mãos e pernas incomumente longas executam gestos mais vacilantes, menos precisos e o tronco curvado move as imagens para mais perto do chão, mas na verdade nada mudou. Nada mudou: desde sempre, desde quando lhe foi confiada a missão, toda a sua vida parece o tempo todo esta mesma infinita recitação. Pois esta Missão se chama Narrativa, e como a peregrinação do Eterno Errante, a navegação do Navio Fantasma, não cessa de acontecer; quando o vemos e escutamos, entendemos que ela veio para permanecer. Na extraordinária foto de Krzysztof Gierałowski, encontra-se deste e do outro lado do mundo, para sempre jovem (como então) e para sempre ancião (como agora); para sempre vivo e para sempre assassinado, falando dos dois lugares, da vida e da morte, ao mesmo tempo. Mas esta face não deve ser interpretada: que façam isto os que não mais existem.

“A mais honesta, nobre e compassiva testemunha de fora, o mensageiro dos tempos da guerra”, fala sobre ele Shoshana Felman, ao analisar a sua espantosa viagem ao interior do gueto. Como ele mesmo menciona, procurava não fazer notas e lembrava o que lhe era dito e mostrado. Lembrava não apenas das palavras e das imagens, mas também dos gestos e da voz, assim que quando os reproduzia – quando em Londres, na América e a qualquer momento ou em qualquer lugar – incorporava na duração de uma frase, na extensão de um gesto, no tom de uma voz, os interlocutores, cujos relatórios apresentava.

Os quais apresenta. Cada vez que eu o ouvia e via na tela, estava narrando mais uma vez; e da última vez, há um ano em Varsóvia, narrava de novo; com a mesma incansável energia, com a mesma mímica e geometria do gesto, continuava a sua missão. As neves de outrora derreteram pela milésima vez, as cinzas já não são nem mais poeira, A História engoliu aquele passado; as pessoas que o ouviam e que lhe falavam, que tinham esperança, que estavam desesperadas, que choravam, gritavam, apresentavam demandas, opiniões, que suplicavam por salvação, desapareceram há muito mais tempo do que há muito tempo, mas ele ainda tem a voz delas na garganta, o olhar delas em seu olhar, os movimentos delas em suas mãos e incessantemente pisa as ruas daquela Varsóvia de então, incessantemente sai dos muros do gueto (é difícil parar de imaginar o instante, no qual se esgueirava de volta para a cidade, este instante é tudo), quando não para de extrair de dentro de si



as palavras ouvidas faz meio século, soltar o mesmo fio da narrativa, com o mesmo extremo engajamento e terror que há cinco, vinte, cinquenta anos, grita, sussurra, ofega, repete a sua ladainha, o seu lamento a sua história.

Quando narra, não comenta, não emite as suas opiniões. Por uma fração de instante, por ordem, insere a si mesmo em cada um de seus interlocutores, em cada pessoa que encontrou naquele tempo em seu caminho e que com ele falou. Em pessoa ou talvez em personagem. Pois quando o escuto hoje, penso de imediato sobre a essência da literatura, sobre como o escritor, aterrorizado e semeando o terror, doa algo de si a cada um de seus heróis, transformando-os, vez por outra, em seu “eu” experiencial.

Quanto tempo deve separar o evento do canto, o terror da beleza, a impotência da salvação, o testemunho da literatura? Parece que a sua narrativa sobre a dupla visita ao gueto, levada pelo tempo, passando de uma língua para outra (soa mais forte no livro *Shoah* que é a transcrição da trilha sonora do filme: do inglês traduzida para o francês, das legendas francesas na tela, de volta para o polonês), com o passar dos anos, se depura, endurece como o cristal, de um modo estranho transforma-se em poesia, cada vez mais sublime. A sua sublimidade não é um vôo repentino como num elevador metafísico de um poema; ela surge na longa duração dessa narrativa, como um feixe transparente que vagarosamente, laboriosamente se segrega do escuro enredo dos eventos. Ele foi testemunha desses eventos, relator, mensageiro das pessoas e da missão temporária, agora é o mensageiro do destino, da missão eterna, o vate, o último vate daquela guerra, que imperceptivelmente, provavelmente, sem a sua ciência, modificou as suas ordens. Não mais coronel, mas Recitador, não mais relatório, mas o Espírito da Narrativa, que, se salva, o faz sempre tarde demais. Se os mortais pudessem escolher entre eles um imortal, este deveria ser Ele. O Grande Narrador, que persistirá em seu cantar, que levará para cada futuro as palavras que ouviu, os torrõezinhos do pavor. Grande, grande Jan Karski.

(tradução Piotr Kilanowski)

## JAN KARSKI E OS JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES DO MUNDO

---

Emisariusz (O emissário)

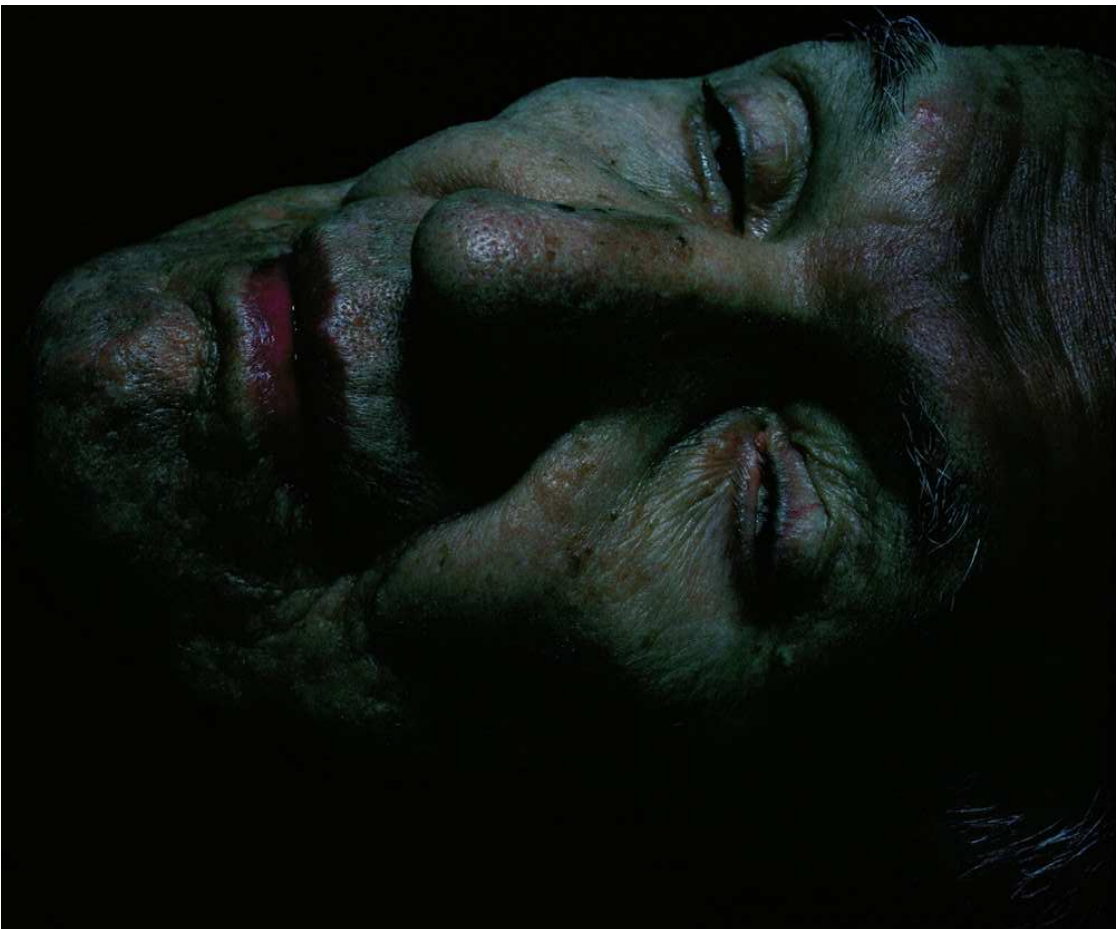


Foto de Jan Karski de autoria de Krzysztof Gierałtowski, gentilmente cedida por ele.

**HENRYK SŁAWIK.** Há 70 anos, em agosto de 1944, morria fuzilado mais um prisioneiro no campo de concentração nazista de Mauthausen, por não trair seus colaboradores. Na hora dos tiros mortais, ao exclamar a primeira frase do hino nacional polonês, Henryk Sławik definia-se para poucas testemunhas como patriota. Aqui, estamos lembrando-o também por recusar-se a acreditar que a força bruta, o desrespeito pela vida humana e o uso de tecnologias de extermínio possam perdurar e vencer os preceitos mais básicos de um homem nascido no fim do século XIX: honra, lealdade e humanismo. Tal perfil moral e ético fez dele um herói: arriscando a segurança pessoal e da própria família, durante a II guerra mundial, na Hungria, tomou frente no salvamento da aniquilação de literalmente milhares de pessoas.

O que levou-o à Hungria em 1939, de onde pretendia continuar a sua fuga para juntar-se ao exército polonês na França, foi exatamente a vida engajada, que colocou o seu nome na temida lista Sondersfahndungsbuch Polen. Primeiro, lutou nos três levantes que garantiram a inclusão de uma parte da Alta Silésia na Polônia independente em 1922. No entre-guerras, batalhava como jornalista e membro do partido socialista (PPS) pelos direitos dos trabalhadores através do seu jornal *Gazeta Robotnicza* e combatia os políticos nacionalistas. Assim, um filho de simples aldeãos silesianos transformava-se em um estudioso ativista social, um parlamentar da Silésia, um diplomata que representava o país na Liga das Nações na Suíça e, após a invasão alemã à Polônia, o Governo Polonês no Exílio perante os poderes húngaros. À urgência patriota uniu-se a vocação humanitária de ajuda às famílias, às crianças órfãs e aos soldados, fugitivos da Polônia ocupada, dos quais muitos de origem e/ou religião judaica. Para resguardar a sua integridade não somente física, mas cultural, Sławik, ajudado por József Antall e pela igreja católica, providenciou documentos falsos que salvaram muitas vidas.

Ironicamente, o fato de salvar milhares não protegeu ele mesmo nem das torturas da Gestapo, nem da crueldade do fim da sua vida aos 50 anos. Pior, nem do esquecimento dos seus feitos, imposto a nós por décadas, em função de jogos políticos. As ordens póstumas de Águia Branca e de Justo entre as Nações são a nossa humilde homenagem a Henryk Sławik.

*Aleksandra Piasecka-Till (UFPR)*



Fotografia da coleção de Grzegorz Lubczyk, autor de livros e filmes sobre H. Sławik.

## ARACY MOEBIUS DE CARVALHO E GUIMARÃES ROSA

(Rio Negro, PR, 1908 – São Paulo, SP, 2011)

Em 1938, entrou em vigor no Brasil a Circular Secreta 1.127, que restringia a entrada de judeus no país. Porém, entre os anos de 1936 e 1942, seu trabalho no escritório de expedição de passaportes permitiu que Aracy Moebius de Carvalho ajudasse muitos judeus alemães a conseguirem vistos para o Brasil. Com a ajuda do cônsul-adjunto e escritor João Guimarães Rosa, com quem viria a se casar, Aracy contrariou o governo brasileiro e colocou seu trabalho em risco ao omitir o “J” nos passaportes dos judeus que a procuravam. Segundo ela mesmo testemunhou, chegou a alojar judeus em sua própria casa nos dias anteriores ao embarque no porto de Hamburgo.

Aracy permaneceu na Alemanha até 1942, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com aquele país e passou a apoiar os Aliados. Aracy e Guimarães Rosa ficaram juntos até a morte deste, em 1967. Em 1982, a brasileira foi agraciada pelo Yad Vashem com o título de “Justa entre as Nações”.



© Yad Vashem Photo Archive – direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.

## LUIZ MARTINS DE SOUZA DANTAS

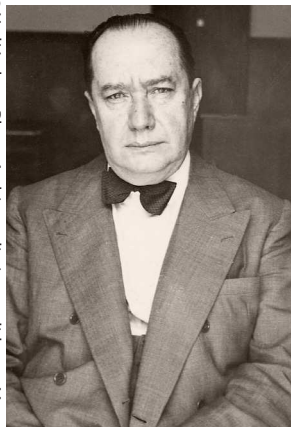
(Rio de Janeiro, RJ, 1876 – Paris, França, 1954)

Deste antes da ocupação da França pela Alemanha e a concentração dos refugiados na zona de Vichy, o embaixador Luiz Martins de Souza Dantas já vinha intercedendo em favor dos perseguidos, emitindo vistos “irregulares” de próprio punho. Como diplomata, Dantas conseguiu outorgar centenas de vistos aos refugiados judeus, mesmo com orientação oficial contrária.

Uma vez descoberto, Dantas foi acusado pelo governo brasileiro de ajudar os refugiados por estar casado com uma judia. Em contraste com as tendências antisemitas que predominavam na administração consular brasileira, ele seguiu colaborando com os refugiados.

Não se sabe até quando lhes outorgou vistos, contrariando as instruções do ministro do exterior Oswaldo Aranha. As autoridades brasileiras aceitaram os vistos até 2 de agosto de 1941. Em meados de 1944, Dantas retornou ao Brasil, depois de 14 meses confinado pelos alemães. Apesar de ter sido recebido com honras, decidiu renunciar à carreira diplomática. Quando Paris foi libertada, Dantas retornou àquela cidade, onde faleceu em 1954. Sua atitude solidária foi reconhecida em 2003, honrado pelo Yad Vashem como “Justo entre as Nações”.

*Carlos Reiss (Museu do Holocausto de Curitiba)*



© Yad Vashem Photo Archive – direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.

## JAN E ANNA PUCHALSKI

O casal vivia na aldeia de Łosośna, Polônia, nos arredores de Grodno. Lá, trabalhavam como caseiros da residência de campo da família judia Zandman. Na noite de 13 de fevereiro de 1943, o gueto de Grodno foi liquidado. Sender Frejdownicz e seu sobrinho Felix Zandman, de 15 anos, escaparam das deportações e buscaram abrigo no campo. Foram acolhidos por Anna, que trabalhava para a mãe de Felix.

Durante 17 meses, Felix e outras cinco pessoas ficaram escondidas num esconderijo sob o assoalho da casa. O espaço era muito pequeno: 120 cm de altura, 170 cm de comprimento e 150 cm de largura.

Sender Frejdownicz fez regras estritas para garantir que os fuggitivos, sem qualquer privacidade, mantivessem sua dignidade humana. Ele também ensinou matemática ao sobrinho Felix, mantendo um rigoroso calendário de aulas. Graças à coragem, Jan e Anna Puchalski foram capazes de impedir que o esconderijo fosse descoberto.

Anos mais tarde, Felix Zandman transformou-se num dos maiores especialistas em Física e fotoelasticidade do mundo. Fundou e presidiu a Vishay Intertechnology - uma gigante na fabricação de componentes eletrônicos, até sua morte, em 2011. Em 1986, o Yad Vashem reconheceu Jan e Anna Puchalski como Justos entre as Nações. Suas filhas Irena, Krystyna e Sabina foram reconhecidas como Justas em 1987.

*Carlos Reiss (Museu do Holocausto de Curitiba)*



Família Puchalski

© Yad Vashem Photo Archive – direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.



© Yad Vashem Photo Archive – direitos cedidos ao Museu do Holocausto de Curitiba.

**IRENA SENDLER** (15.02.1910 – 12.05.2008) cresceu junto com os seus vizinhos judeus em Otwock, brincando de ensinar polonês às outras crianças do bairro e aprendendo iídisch com elas. Após a conclusão do curso de Letras Polonês na Universidade de Varsóvia em 1931, deu início ao seu caminho profissional como assistente social. Logo após a eclosão da guerra em 1939, Irena fazia parte das células clandestinas de ajuda à população judia. Perante o aprisionamento definitivo de 400 mil judeus dentro do gueto de Varsóvia, arriscando a pena de morte, Irena percorria as ruas do gueto, cheias de pessoas padecendo de fome, levando-lhes alimentos, medicamentos e roupas.

Como colaboradora do Conselho Clandestino de Ajuda aos Judeus (Żegota), sob o codinome Jolanta, Irena liderava as ações de retirada das crianças judias para o outro lado do muro. Salvar as crianças do extermínio iminente significava ensiná-las a serem outras pessoas. Contudo, Jolanta não poupou esforços em salvar as verdadeiras identidades dos “seus filhos”, anotando seus dados e assim criando a “Lista de Sendler”.

Em 1943 foi presa e torturada pela Gestapo durante cem dias. Em vista da divergência das convicções de Irena em relação às visões do governo da Polônia pós-guerra, uma grande parte da sociedade polonesa não teve consciência dos seus feitos heróicos. Em 1965 foi premiada com a medalha dos Justos Entre as Nações do Mundo pelas autoridades israelenses, que em 1991 nomearam-na também cidadã honorária de Israel. Em 2003 foi homenageada com o Prêmio Jan Karski e com a mais alta distinção polonesa - a Ordem da Águia Branca. Foi também candidata ao prêmio Nobel da Paz. Sua vida durou 98 anos e salvou mais de 2500 vidas. Dizia: “Sozinha, eu não teria feito nada”.

*Alicja Goczyła Ferreira (professora de língua e literatura polonesa na UFPR)*

## JERZY FICOWSKI

### Tuas mães As duas

A Bieta\*

Sob a Torá inútil  
sob a estrela presa  
deu-te à luz a mãe

possuis a prova dela  
assinatura não assassinada  
a cicatriz no umbigo  
o sinal da separação para sempre  
que em ti não deu tempo de doer

isto sabes

Depois dormias na trouxa  
para fora do gueto contrabandeada  
que alguém disse estar numa caixa  
feita lá em Nowolipie  
com a entrada do ar  
sem a entrada do medo  
escondida na carroça com tijolos

Te esgueiraste naquele caixãozinho  
salva às escondidas  
daquele mundo para este mundo  
até o lado ariano  
e o fogo ocupou  
o canto vazio que deixaste

Então não choravas  
o choro podia ser mortal  
o luminal te punha para dormir  
com a sua cantiga de ninar  
E quase não existias  
para poderes existir

E a mãe  
salva em ti  
já podia ingressar na morte amontoada  
feliz incompleta  
podia em vez da memória dar-te  
um presente de despedida  
a semelhança com ela  
e data e nome

tanto assim

E logo alguém se encarregou  
do teu sono  
alguém ocasional às pressas  
e já ficou para o longo sempre  
e te lavou da orfandade  
e te embrulhou em amor  
e fez-se a resposta  
para a tua primeira palavra

Tuas mães  
As duas  
foram quem te ensinou  
a não te surpreenderes de todo  
quando dizes  
Eu sou

*(tradução Piotr Kilanowski)*

\* Elżbieta Ficowska, esposa do poeta. Nascida em 1942, foi uma das crianças salvas por Irena Sendler.

*“Como pode alguém não admirar este grande polonês – grande em todos os sentidos da palavra – que ousou desmascarar e condenar o anitissemitismo que dominava em vários grupos chauvinistas da resistência polonesa – um católico ardoroso que arriscou a sua vida para salvar os judeus condenados a perecer nos campos da morte construídos pelos alemães em seu país? Atormentado pela tragédia deles parou de pensar em qualquer outra coisa. Falou sobre ela com todos que encontrou durante suas viagens [...] E por fim silenciou. Entendeu que suas palavras estavam caindo no vazio. As pessoas tinham outras preocupações e seus líderes tinham outros objetivos. [...]*

*Porém, seu testemunho rendeu frutos. Foi graças a ele que aprendemos que uma pessoa, se assim o deseja, pode influenciar o curso da história.[...] Graças a ele, as próximas gerações serão capazes de acreditar na humanidade.”*

Elie Wiesel (Escritor e jornalista estadunidense de origem judaica; Nobel da Paz em 1986): partes da introdução ao livro “Karski. How One Man Tried to Stop the Holocaust”.

**Concepção e Coordenação Geral do Projeto:** Piotr Kilanowski

**Concepção e Coordenação Geral do Livro:** Piotr Kilanowski e Carlos Reiss

**Tradução dos poemas de Jerzy Ficowski, ensaio de Marek Bińczyk e do texto de Elie Wiesel:** Piotr Kilanowski

**Colaboradoras:** Schirlei Freder, Alicja Goczyla Ferreira, Dorota Ortyńska, Eneida Favre (revisão das traduções)

**Projeto gráfico:** Axel Giller

**Agradecimentos pela gentil cessão dos direitos autorais a Marek Bińczyk, a família de Jerzy Ficowski e a Krzysztof Gierałowski.**

Realização:



Apoio:

